

# A luta para defender a vida escondida no charco

**Costa Vicentina.** Liga para a Proteção da Natureza coordena projeto e quer compensações para agricultores que preservem esse *habitat*

FILOMENA NAVES

São dois hectares, não mais. Nesta altura, o charco ainda tem água, e chega bem para que uma sinfonia de rãs ecoe no silêncio da manhã, mas lá para o fim de maio ele já estará seco. Por agora, a diversidade de vida que alberga ainda é visível e audível. Lá está a vegetação característica, onde se escondem os pequenos mamíferos como o rato-de-cabrera, o único roedor que só existe na Península Ibérica. Lá estão os vestígios de raposas e lebres e as marcas de javalis que por ali passaram em busca de alimento e de água. No fundo, a poucas dezenas de centímetros, o lago também está cheio de pequenos seres: girinos de rã-verde, de tritões-marmorados ou de sapos-de-unha-negra.

Percebe-se, olhando esta paisagem na região de Vila Nova de Milfontes, por que razão os charcos temporários mediterrânicos são considerados um *habitat* prioritário na União Europeia. As ameaças, no entanto, espreitam, como a destruição causada pelo uso errado dos solos na agricultura ou na construção, e a Liga para Proteção da Natureza (LPN) está apostada em contrariar essa tendência.



Charcos albergam vegetação característica que é preciso proteger

Só nos últimos 15 anos, foram destruídos entre 20% a 50% dos cerca de 100 a 200 charcos que existem na costa vicentina, até Vila do Bispo, no Algarve. “É o que mostram os estudos de biólogos portugueses”, explica Artur Lagartinho, engenheiro florestal e um dos responsáveis do projeto Life Charcos, aprovado em 2013 pela União Europeia, e coordenado pela LPN.

Números redondos, entre 50 a 75 destes lagos temporários terão sido arrasados ou ficaram degradados na última década e meia em toda a região, apesar de estarem protegi-

dos por lei, através de uma diretiva europeia. “Os charcos não podem ser destruídos, há coimas previstas”, sublinha Artur Lagartinho, “mas até hoje não se conhece nenhuma penalização pela sua destruição”.

Muitas vezes “é por desconhecimento” que estes sítios acabam por ser estragados, admite Artur Lagartinho. “A agricultura intensiva, por exemplo, já eliminou alguns charcos, mas também há pequenos agricultores que arrasam o terreno para cultivo e outros que os transformam em charcas, para terem água o ano inteiro para o gado.

Muitos fazem-no porque desconhecem o valor destes sítios, ou até que eles estão protegidos por lei.”

Para a LPN, uma das soluções para preservar estes locais terá mesmo de passar por alterações nas regras da Política Agrícola Comum, a célebre PAC da União Europeia. A ideia da Liga é que os agricultores que conservem os charcos nos seus terrenos recebam compensações financeiras.

“Há uma medida na PAC específica para a conservação ambiental, e uma compensação financeira deste tipo tem aí todo o cabimento, até porque há precedentes”, adianta Artur Lagartinho.

Um desses precedentes ocorre aqui mesmo, em Portugal, na zona de Castro Verde, onde os agricultores recebem um subsídio para manter nos seus terrenos agrícolas o *habitat* das aves estepárias, como a abetarda ou o sisão, ícones da biodiversidade nessa região alentejana.

“A LPN defende que deve ser adotado um procedimento semelhante no caso dos charcos e vai fazer pressão para que isso aconteça”, sublinha o responsável da Liga.

## Sensibilizar a população

O projeto Life Charcos, que representa um investimento global de 1,9 milhões de euros para quatro anos (até 2017), financiado em 75% pela União Europeia (EU), é já um passo. Com ele, a Liga e os seus parceiros – as universidades de Évora e do Algarve, a Câmara de Odemira e a Associação de Beneficiários do Mira, esta ligada à agricultura – querem contrariar a perda e a degradação deste *habitat* e promover a sua recuperação.

Entre as várias linhas de trabalho está o estudo sistemático das espécies da flora e da fauna destes habitats, e 15 deles, neste altura degradados, vão ser recuperados.

As atividades de divulgação, para promover o conhecimento das populações, incluindo dos agricultores da região, sobre a riqueza que estes sítios representam e até a sua mais-valia para a qualidade dos solos e da própria agricultura, são outra das pedras-de-toque do projeto.

“Fazemos sessões nas escolas, reunimo-nos com associações de agricultores e fazemos visitas para a população”, diz o responsável.

É aí que se insere a caminhada até à zona de Vila Nova de Milfontes promovida pelo Festival Terras Sem Sombra, organizado pela Diocese de Beja, que levou meia centena de pessoas a conhecer estes *habi-*

*tats*, guiados por uma equipa do projeto Life.

Criado há 11 anos, o Festival Terras Sem Sombra organiza a par dos concertos nas igrejas do Baixo Alentejo ações de divulgação dos tesouros naturais da região. “Temos uma enorme riqueza em biodiversidade, com uma multiplicidade de *habitats* que consideramos necessário promover e defender”, explica o diretor-geral do festival, José António Falcão. “Em algumas destas atividades, que iniciámos há cinco anos, participamos, também em trabalhos de limpeza e de recuperação dos sítios.” Ali, na paisagem dos charcos, arrancaram-se chorões, uma planta que é uma praga: expande-se facilmente e rouba o espaço vital às outras.

Charcos temporários existem até ao Algarve